



# Bom Senso

[CONTOS QUE SE ESCREVEM,  
HISTÓRIAS QUE SE LEEM]

2026

COORDENAÇÃO

PAULA CRISTINA FERREIRA &  
CATARINA MANGAS

# Ficha Técnica

## Título

Bom Senso (contos que se escrevem, histórias que se leem)

## Coordenação

Paula Cristina Ferreira (ESE, CIEQV, Instituto Politécnico de Santarém; ESECS, CIDEI, Politécnico de Leiria; CELGA\_ILTEC, Universidade de Coimbra)

Catarina Mangas (ESECS, CICS.NOVA, CI&DEI, Politécnico de Leiria)

## Autores - estudantes da Licenciatura em Relações Comerciais China-Países Lusófonos:

CHU QIAO

PAN MINYANG

KANG XUYI

WAN JINGTONG

LI KE

WANG HANXUAN

LIANG SHIJIE

WANG KEWEI

LIANG SUITIAN

ZENG XIANGJI

LIU YU EN

ZHANG HANCHI

MA DING

ZHANG HUJIA

MA SITENG

ZHANG LERAN

NIE CHENYANG

ZHANG XINWEN

OU ZHUOXI

ZHONG ZIJUN

## Composição gráfica

João Pinheiro

## Edição

Instituto Politécnico de Leiria  
Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, Politécnico de Leiria

## ISBN:

978-989-35743-6-2

Leiria, janeiro 2026

# Palavras de Abertura

O curso de Licenciatura Relações Comerciais China – Países Lusófonos resulta de uma parceria estreita e duradoura entre duas instituições de ensino superior, a Universidade Politécnica de Macau e a Escola Superior de Educação e Ciências Sociais, do Instituto Politécnico de Leiria.

Os estudantes iniciam os seus estudos em Macau e, no 2.º ano do seu plano de estudos, vivem e estudam a língua portuguesa em contexto de imersão linguística na cidade portuguesa, de Leiria, em Portugal.

Uma das unidades curriculares – **Leituras de especialidade: gestão e direito** – promove, por um lado, a leitura de textos literários e não literários associados às áreas de especialidade de Gestão e Direito e, por outro, promove hábitos de escrita de géneros textuais diversos em português.

E é, neste contexto, que surge esta obra. Os vinte estudantes que se encontravam em Leiria no ano 2024/2025, individualmente ou a pares, para desenvolver o seu projeto de escrita, e na sequência das leituras efetuadas, necessitaram de **escrever um conto de temática livre, mas de cariz educativo**, com lição de moral implícita ou explícita. Após a escrita do texto e respetiva monitorização, os estudantes foram sensibilizados a criar uma ilustração para a antologia que resultaria do empenho de todos. As ilustrações apresentadas foram criadas pelos estudantes, com recurso a ferramentas de inteligência artificial.

Os textos e as ilustrações apresentadas na obra são da total responsabilidade dos seus autores.

Por uma questão de organização, optou-se por agrupar as narrativas em três temáticas:

**Na Parte I – O Ninho** – os contos apresentam alguns dos valores familiares;

**Na Parte II – A Missão** – os textos revelam uma nobreza de carácter, na medida em que as personagens se expõem para dar respostas à sociedade e praticando o bem comum.

**Na Parte III – A Essência** – as narrativas revelam reflexões profundas sobre a existência e essência humana.

Desejamos a todos boas leituras!

As Coordenadoras do Projeto

Paula Cristina Ferreira & Catarina Mangas

***Aprende-se a escrever, escrevendo.  
Um livro é como um jardim, transportado no bolso.***

# Índice

<b>Palavras de abertura</b>	5
<b>Parte I – O Ninho</b>	
1. <i>O gato e o velho marinheiro</i> , de LIANG SHIJIE	12
2. <i>A luva da Luísa</i> , de MA SITENG	14
3. <i>Valorize as pessoas (que estão ao seu lado)</i> , de ZENG XIANGJI	16
4. <i>O rapaz que mudou a aldeia</i> , de MA DING	18
5. <i>Louco lúcido</i> , de ZHONG ZIJUN	20
<b>Parte II – A Missão</b>	
6. <i>O ótimo funcionário</i> , de Li KE & ZHANG XINWEN	24
7. <i>A missão A909</i> , de CHU QIAO	28
8. <i>A pílula mágica</i> , de ZHANG HUJIA	30
9. <i>O regresso do soldado</i> , de WANG KEWEI & LIANG SUITIAN	32
<b>Parte III – A Essência</b>	
10. <i>Mil sóis</i> , de ZHANG HANCHI	38
11. <i>Três desejos</i> , de KANG XUYI & PAN MINYANG	40
12. <i>O presente</i> , de OU ZHUOXI	44
13. <i>Sombra</i> , de WANG HANXUAN & LIU YU EN	46
14. <i>Diploma de mérito</i> , de ZHANG LERAN	48
15. <i>Calma!</i> , de WAN JINGTONG	50
16. <i>Vida</i> , de NIE CHENYANG	52

# 1

PARTE

## O Ninho

O gato e o velho marinheiro, de LIANG SHIJIE

A luva da Luísa, de MA SITENG

Valorize as pessoas (que estão ao seu lado), de ZENG XIANGJI

O rapaz que mudou a aldeia, de MA DING

Louco lúcido, de ZHONG ZIJUN



LIANG SHIJIE

## O gato e o velho marinheiro

Era uma vez o gato do velho marinheiro. Quando ainda era um gatinho, anos atrás, caiu num canal e quase se afogou. Felizmente, o velho marinheiro passou por ali quando ouviu miados e salvou-o. Ele levou-o para casa, alimentou-o, deu-lhe um cantinho aconchegante para dormir e um lugar especial à mesa. A partir daquele momento, também, o gato deixou de ser um gato de rua – tornou-se o gato do velho marinheiro.

“O VELHO MARINHEIRO”

O velho marinheiro viveu toda a sua vida no mar. Ao amanhecer, ele saía com seu grande barco de pesca, enfrentava as ondas, voltava com o pescado ao

anoitecer. Quando abria a porta à noite, o som das ondas entrava com a brisa, e o gato galopava pelo chão para ir a seu encontro. O marinheiro então sorria e dava ao gato o melhor peixe do dia.

O grande desejo do gato era ver o mar. Não riachos ou lagos, mas o verdadeiro e majestoso mar que o velho marinheiro contava: às vezes tranquilo, às vezes furioso, mas sempre enigmático. Mas o marinheiro nunca o levou. O mar não era um lugar para um gato. Então, o bicho ficava a olhar pela janela para esse mundo estranho e sem limites.

O tempo passou. O velho marinheiro envelheceu e perdeu a visão e então já não podia navegar mais. Ele sentava-se ao sol com o gato ao colo, ou dentro de casa junto à lareira. Relembrava a sua infância, os seus (primeiros) amores, a sua mãe e as antigas travessuras do gato.

Um dia, já muito fraco, ele reuniu a família. O gato pulou para a cama e aconchegou-se ao lado dele. A sua mão tremia enquanto acariciava a cabeça daquele velho *spaniel* maltratado. O gato chorou:

- Você nunca me levou para ver o verdadeiro mar...

O velho sorriu:

- Mas tu já viste o mar.

Quando o marinheiro morreu, o gato também envelheceu. Até que, na sua última noite, com a nova geração da família reunida ao seu redor, uma lágrima caiu sobre sua pelagem e acumulou-se. Aquele gato olhou para baixo e viu o que o velho marujo lhe tentava dizer: as lágrimas são o menor oceano do mundo.

E o gato fechou os olhos e suspirou feliz.



MA SITENG

## A luva da Luísa

Era madrugada. Luísa ainda estava acordada. Com a luz fraca do candeeiro, agulhas e linhas voavam e dançavam entre os seus dedos inchados, mas hábeis. Ela estava a tricotar um par de luvas como presente de Natal para o seu namorado, Paulo.

De repente, a mão de Luísa tremeu. A agulha tinha-lhe picado acidentalmente o dedo e gotas de sangue caíram sobre a lã azul-clara.

Suspirou baixinho, retirou a parte da luva com sangue: “Que chatice! Tenho de começar tudo de novo!”, murmurou, limpando o sangue do dedo com uma toalha velha.

Passos pesados ouviram-se pelo corredor. Luísa sabia que era o pai a regressar do seu turno da noite. O pai abriu a porta e ficou à entrada com uma chávena de chá. Perguntou-lhe com preocupação:

“Como é que ainda estás acordada, é tão tarde!?”

“Eu... estou a preparar um discurso para a próxima semana.”, sem olhar para trás, Luísa contou uma pequena mentira, escondendo discretamente o dedo ferido nas sombras.

O pai carinhoso aconselhou:

“Descansa um pouco. O teu corpo é o mais importante.”

Na véspera de Natal, ela finalmente acabou o último nó da luva – um nó tão forte e bonito como os remendos que o pai lhe tinha ensinado a fazer em criança.

No dia de Natal, Luísa convidou Paulo para ir à praça onde tinha sido o seu primeiro encontro.

“Fecha os olhos, vou fazer-te uma surpresa!”, disse Luísa com um pouco de esperança.

Paulo fechou os olhos obedientemente. Luísa colocou-lhe as luvas nas mãos com cuidado. Ele olhou para as luvas e fez uma cara estranha.

“Isto... isto foi o que fizeste? Pensei... pensei que era um presente mais caro! Estas luvas parecem tão baratas!”, queixou-se Paulo, tirando as luvas - “A namorada do Henrique deu-lhe uns óculos de sol novos, modernos!”

Arrancou as luvas e atirou-as para os braços dela.

Na praça, os flocos de neve caíam e as músicas de Natal tocavam. Mas Luísa não sentia nada. Ficou parada, até quase que se esqueceu de respirar. Não sabia se no rosto tinha neve derretida ou lágrimas.

Depois de chegar a casa, atirou as luvas ao chão com força. Deitou-se na cama, cobriu a cabeça com o edredão e chorou de dor. As lágrimas molharam o travesseiro. Os dedos magoados doíam-lhe, assim como o seu coração.

A porta abriu devagar. O pai entrou, pegou as luvas do chão e sorriu: “Que luvas bonitas! São para mim!?”

Colocou as luvas azuis-claras com sorriso nas suas mãos grandes e ásperas.

“São quentes e bem feitas. Vão aquecer-me durante o trabalho da noite.”

Naquele momento, Luísa lembrou-se: quando era pequena, num inverno frio, o pai passava noites a consertar as suas roupas rasgadas debaixo da luz fraca. As mãos dele eram ásperas como agora, mas cheias de calor e de amor.

Luísa olhou pela janela. A neve tinha parado.



ZENG XIANGJI

## Valorize as pessoas (que estão ao seu lado)

Devido a uma situação familiar difícil, em criança, Amadeu foi enviado pelos pais para a antiga casa ao cuidado da avó.

Em frente à casa da avó, havia sempre um senhor que vendia os moinhos de vento coloridos e gritava: "Moinhos de vento coloridos, 5 yuan cada!"

O menino ficava sempre atraído pelos moinhos e pedia à avó para lhe comprar um, mas a avó ficava embaraçada, porque não tinha mais dinheiro, hesitava um momento, levava o Amadeu para dentro e fechava a porta.

Amadeu como não obtinha o moinho de vento, chorava muito, e não ouvia nada do que a avó falava. Depois, ficava zangado e não falava com a avó durante dias. A avó telefonou aos pais dele para o levarem de volta para a cidade.

O que o Amadeu não sabia é que ele não teria a atenção dos pais, que viajavam muito em trabalho, não lhe dedicavam atenção. Durante muito tempo, Amadeu, raramente, telefonava à avó, pois ainda estava zangado por causa do pequeno moinho de vento.

O Amadeu, como não recebeu cuidados durante muito tempo, ficou muito doente e deu entrada no hospital. A avó, que toda a sua vida fora trabalhadora agrícola, nunca aprendeu a ler e só falava uma língua regional, quando ouviu a notícia, viajou 10 horas sozinha para ir ao hospital cuidar do seu netinho. Depois de uma ausência de 10 anos, o Amadeu ficou chocado: os cabelos dela, agora, eram todos brancos, o corpo frágil. A avó que ele tinha na memória, uma avó forte e de cabelos pretos, tinha dado lugar uma avó que precisava de cuidados e de amor.

A avó ficou e tratou do Amadeu, mas Amadeu não percebia por que razão a avó lhe dava algum dinheiro de vez em quando... sempre 5 yuan de cada vez. Não é uma quantidade grande, o rapaz não perguntou porquê. Ele achava que era para ele comprar comida. Amadeu ficou curado, mas a avó que trabalhou muito, ficou doente por ter trabalhado demais para cuidar do Amadeu, dia e noite. Morreu pouco tempo depois.

O funeral da avó teve lugar na casa antiga, o Amadeu sentou-se em frente à porta... Viu um senhor a empurrar um carrinho e a vender os pequenos moinhos de vento, ouviu vozes conhecidas "Moinhos de vento coloridos, 5 yuan cada!"

O corpo do Amadeu tremeu, e agora, finalmente, sabia o significado de 5 yuan. A culpa de 10 anos explodiu nesse momento, mas já não tinha a sua avó consigo. Era tarde demais...



MA DING

## O rapaz que mudou a aldeia

Era uma vez uma aldeia muito pobre. Nesta aldeia, ninguém frequentou a universidade. As casas eram pequenas e à noite não havia eletricidade. As pessoas trabalhavam muito, mas ganhavam pouco, por isso, não tinham dinheiro para comprar roupas e sapatos novos, e principalmente para comprar comida, um ovo ou um quilo de arroz, bens muito preciosos para todos.

Um dia, um rapaz chamado Martim decidiu mudar de vida, ele não queria passar o resto dos seus dias como o pai dele. Ele gostava muito de aprender a ler, por isso, gastava quase todas as suas moedas na compra de livros. Através dos seus estudos, ele conseguiu finalmente entrar na universidade, a sua

família ficou muito feliz, no entanto, havia um problema: o Martim não tinha dinheiro suficiente para pagar os estudos, assim depois de muito pensar, ele decidiu não agarrar esta oportunidade de estudar.

Quando o chefe da aldeia soube disso, foi à sua casa imediatamente e disse-lhe: "Só os estudos podem mudar o teu futuro. Vais para a universidade, eu vou ajudar-te a resolver o problema do dinheiro." O rapaz ficou muito feliz e a sua família também.

Mais tarde, o chefe falou com todas as pessoas da aldeia e conseguiu que cada pessoa ajudasse com o que podia, no final juntaram 7 quilos de arroz, 84 ovos e 347,5 euros. Com esta ajuda, o Martim conseguiu ir para a universidade.

Passado 20 anos, o Martim tornou-se o CEO de uma grande empresa, usava fato, conduzia um bom carro e tinha uma grande casa na cidade, mas ele não se esqueceu das pessoas que o ajudaram. Portanto, ele decidiu voltar à sua aldeia e abriu uma fábrica para todas as pessoas que precisavam de trabalho, além disso, ele também construiu uma escola para as crianças conseguirem estudar.

Ele chegou à casa do chefe da aldeia, mas descobriu que já tinha falecido. O filho do chefe agradeceu-lhe, e todos os habitantes da aldeia disseram que Martim era muito grato. Ele respondeu: "Sem vocês, eu não seria quem sou hoje."



ZHONG ZIJUN

## Louco lúcido

Há cerca de dez anos numa cidade com muitos edifícios altos e com muitos trabalhadores, um homem procura um funcionário para o ajudar a fazer a sua mudança de casa. Encontrou-o.

Seguindo as instruções do homem, o funcionário dirigiu-se até à casa que ele disse, mas descobriu que a casa não tinha nada lá dentro. Aliás, é um terreno demolido.

Quando o homem viu este terreno demolido, vazio, ficou muito feliz em frente ao funcionário. Corria no terreno vazio, saltava muitas vezes e gritava: "Casa! Aqui é minha casa! Casa, aqui é minha casa!"

O homem estava completamente imerso no seu próprio mundo, mas o funcionário estava muito zangado pois estava a perder tempo. Depois acalmou-se e pensou "Este homem é louco". E disse: "Pague-me o tempo que perdi com esta mudança estranha!"

O homem disse-lhe: "Não! Só lhe pago depois de carregar as coisas!"

O funcionário das mudanças ficou confuso. Como podemos transportar algo que, obviamente, não existe? Entrou no jogo para ver se recebia o pagamento da deslocação. Simulou a existência de móveis, invisíveis. Obedeceu às ordens do homem. Carregou com os seus colegas sofás, camas, mesas e frigorífico. Tudo inexistente! Recebeu o dinheiro pelo serviço mais esquisito que tinha feito na sua vida.

Ao sair, os homens da mudança perguntaram a uma mulher na entrada da cidade se ela conhecia aquele homem.

A mulher disse: "Ele viveu aqui durante décadas, mas um dia o governo anunciou que iria construir um arranha-céus e demoliram a casa dele. Desde que a casa foi destruída, ele ficou louco."

Antes de partirem, os homens da mudança observaram de longe o homem no terreno vazio a gritar: "Eu não sou louco! Estou lúcido! Devolvam-me a minha casa! Devolvam-me a minha casa!"

# 2

PARTE

## A Missão

O ótimo funcionário, de Li KE & ZHANG XINWEN

A missão A909, de CHU QIAO

A pílula mágica, de ZHANG HUJIA

O regresso do soldado, de WANG KEWEI & LIANG SUITIAN



BOM SENSO - CONTOS QUE SE ESCREVEM, HISTÓRIAS QUE SE LEEEM

LI KE & ZHANG XINWEN

## O ótimo funcionário

Todas as manhãs, Pedro tinha o hábito de fazer um sinal da cruz em frente à imagem de Santo António, para rezar por paz ou proteção. Quando ele entrou ao trabalho no primeiro dia, a mãe disse-lhe que esse gesto lhe podia trazer boa sorte.

Depois de se levantar e se lavar, Pedro abriu o *Instagram*, viu um *post* sobre uma certificação de formação profissional que o seu colega tinha recebido recentemente. Foi eleito "ótimo funcionário" no mês anterior. Neste *post* havia uma foto, no cenário, ao fundo, estava um copo meio de vinho, parecia estar a celebrar. Pedro comentou - embora já esteja ótimo, continuas a melhorar. És um modelo que devo seguir.

Quando Pedro apanhava o metro para a empresa, costumava responder às mensagens dos clientes ou cuidar de tarefas do gerente. Nessa manhã, ele respondeu ao *e-mail* de um cliente que tem algumas dúvidas sobre algumas condições do contrato, ao mesmo tempo, ele tomou o seu pequeno-almoço, rapidamente, uma fatia de tosta fria.

Na reunião do departamento, o gerente, sempre com um mesmo sorriso amável e tom de voz doce, disse - O ambiente interpessoal do nosso departamento é amigável e de união, as relações entre os nossos colaboradores são excelentes! Nós somos uma família!

A seguir, ele anunciou uma nova estratégia de avaliação de desempenho e algumas tarefas em horas extraordinárias. Pedro ouviu uma colega que murmurava críticas em voz baixa sobre o gerente e as novas regras, ao mesmo tempo, ele apercebeu-se que o gerente, parecia ter ouvido esses murmúrios e sentia-se irritado.

Durante a hora de almoço, Pedro partilhava alguns conhecimentos essenciais no local de trabalho com grande entusiasmo com os colaboradores novos, como: durante as pausas falar sobre assuntos de trabalho; nunca ser o primeiro a sair de trabalho, etc.

Subitamente, Pedro comportou-se como se estivesse a sofrer, tinha uma forte dor de estômago. Ele teve sempre problemas de estômago, mas nunca faltava ao trabalho para ir ao médico. Assim, continuava a suportar a dor.

Das janelas, via-se o céu nublado, ao longe, via-se a ponte, mas não era fácil.

Já muito tarde, sozinho, Pedro ainda estava a trabalhar no escritório da empresa. Riu-se e publicou uma *selfie* onde estava, num escritório pouco iluminado, com a legenda "Trabalhar até mais tarde! Quanto mais se trabalha, mais sorte se tem". Recebeu um elogio do gerente - É esse espírito do nosso departamento, devemos orgulhar-nos! Quem dá mais, recebe mais!

Na *selfie*, embora com filtros de beleza de nível máximo, não conseguiu disfarçar o facto de os olhos estarem vermelhos e o rosto muito pálido.

No dia seguinte, ele foi nomeado "o melhor funcionário da empresa". No meio de fortes aplausos, uma colega teve uma reação incomum - revirou os olhos, por causa de redução do seu salário devido à maternidade.

Pedro levantou-se e agradeceu. Na mesma hora, o telemóvel dele caiu acidentalmente. No ecrã, brilhava repetidamente a notificação "Departamento de Recursos Humanos: o pedido de baixa médica do senhor foi rejeitado." Sentindo o peso da cabeça e a visão turva, Pedro desmaiou.

Ninguém percebeu a exceção. A poucos passos dali a novata Ana gravava vídeos para o *TikTok*, com o modo de beleza e o filtro no máximo. Ela sorria e dizia- Bem-vindos a um dia no local de trabalho português! A câmara passava por cima a notícia antiga na parede, já amarelada pelo tempo. O título em destaque era "Direito do Trabalho", e logo abaixo, uma nota discreta: última modificação em 2009. Sob os efeitos do filtro, nem uma olheira era visível no rosto dela.

Um minuto depois, surgiu uma notificação no *chat* do grupo de Recursos Humanos no *Slack*. Informava que, no dia seguinte, ia haver uma atividade sobre saúde mental,

de participação voluntária. Quem participasse ia receber um crédito elevado.

O telemóvel do Pedro vibrava constantemente, ecrã piscava uma e outra vez. O *LinkedIn* impulsionou automaticamente uma notificação de conquista “Pedro – alcançou 2000 horas de trabalho *online*!” Na parte inferior, aparecia um *banner* colorido com a mensagem “*Keep up the great work!*”

...

À distância, o som intenso da ambulância em marcha de emergência cortava profundamente as ruas e o silêncio, mas ninguém mesmo assim ergueu as suas cabeças...



CHU QIAO

## A missão A909

O meu nome é A909. Sou um jovem astronauta. Sou um "humano" criado por ciência, não nasci de forma natural. Nasci num programa especial do governo. E desde pequeno, que estudo numa escola para astronautas, treinamos todos os dias.

Hoje, o planeta Terra está muito destruído. As pessoas vivem agora em cabines especiais e para sobreviver, nós precisamos de encontrar um novo planeta rapidamente. Eu sou uma das pessoas escolhidas para a missão importante: viajar sozinho para o espaço e procurar um novo planeta para os humanos.

Chegou o momento. Eu entro na nave e preparo tudo para a viagem. A nave é pequena, mas muito moderna. Ligo os sistemas e falo com a base:

- Estou pronto para partir.

Depois de algumas horas, vi muitas estrelas e planetas pela janela. O espaço é muito bonito! Mas, de repente, ouvi um barulho estranho. Algo estava errado com a nave. Fui ver o que era. Um saco de plástico estava preso na parte de fora da nave. Era perigoso!

Então, com o fato espacial para o exterior, saí da nave com cuidado. Eu vi as estrelas e o universo. Era muito bonito, mas também muito silencioso que chegou a ser assustador, principalmente quando pensei "O universo é grande e eu sou muito pequeno!"

Tentei tirar o saco de plástico, mas não consegui. Era muito difícil. Decidi parar a nave num planeta perto. Entrei de novo na nave e preparei-me para pousar.

O assistente da nave disse:

- Planeta desconhecido à frente. Quer pousar?

- Sim, pousar agora.

A nave desceu devagar. O assistente disse:

- Há oxigénio, água e atmosfera. Mas a temperatura é muito baixa.

"Talvez possamos usar um sol artificial..." pensei eu.

Saí da nave e vi tudo à minha volta. O planeta era muito diferente. A terra era verde.

Eu fiquei muitos dias neste planeta e pensei muito: "Será que os humanos vão cuidar bem deste lugar? Ou vão repetir os erros que cometeram no da Planeta Terra?"

Após alguns dias, a nave não tinha combustível suficiente para voltar. Eu também não tinha comida suficiente para viver muito mais tempo. Sabia que ia morrer aqui, mas certo dia tive uma ideia "Posso enviar a parte do computador para a Terra."

Escrevi tudo o que eu sabia no computador: informações sobre o planeta, o ar, a temperatura... Depois dei uma ordem ao assistente: "Separar a cabine e enviar para a Terra."

A cabine saiu da nave. Eu fiquei no planeta. Mas senti paz e sorri.

- A minha missão está completa... disse eu e fechei os olhos.

Alguns dias depois, a nave voltou para a Terra.

Os cientistas encontraram o computador da cabine, mas o computador tinha uma nova palavra-passe, eles não o conseguiam abrir.

Eles chamaram um especialista e ele conseguiu descobrir e aceder à informação sobre o "planeta verde". Todos ficaram muito felizes.

Depois disso, os humanos mudaram para o novo planeta e começaram uma nova vida. Algumas pessoas observam e pensam muito sobre a nova palavra-passe no computador - "proteger o planeta verde".



ZHANG HUJIA

## A pílula mágica

Henrique trabalha há dois anos e desde criança que sonha tornar-se um herói. Ajuda frequentemente pessoas que precisam de ajuda na vida. Mas quando ajuda os outros, às vezes, queixa-se.

Completo os seus estudos de Kung Fu há muitos anos. O mestre deu-lhe uma super pílula mágica vermelha e disse-lhe: “Parabéns por completares todos os testes e níveis. Aqui está uma pílula preparada para ti.”

Henrique perguntou: “Para que serve? Parece um remédio vulgar.”

O mestre respondeu-lhe: “Não o subestimes. Ao tomá-lo, ganharás uma força sobre-humana por um curto período. Lembra-te de o utilizar apenas nos momentos mais perigosos, mas não podes ignorar o seu efeito secundário: esquecerás uma parte das tuas memórias.” Henrique percebeu, aceitou e agradeceu ao mestre.

Saiu do trabalho mais cedo que o habitual porque era o seu 30.º aniversário. A mãe fez-lhe um bolo de aniversário em casa, como fazia todos os anos. Mas algo estranho apareceu no ecrã do seu computador, uma fotografia sua, quando tinha 8 anos, com uma capa do Super-Homem e a comer bolo. Ele desligou o computador. De repente, ficou tonto.

As ruas originalmente soalheiras estavam cobertas de nuvens escuras e sombrias, e começou a chover intensamente. Tudo aconteceu tão depressa, como um sonho... ou um pesadelo! O vento uivava, e as luzes da rua e os anúncios na estrada balançavam ao sabor do vento, como se Deus estivesse a descarregar a sua raiva no mundo.

Enquanto Henrique caminhava atordoado, viu um outdoor a ser derrubado pelo vento forte em direção a um grupo de crianças. Se estas crianças fossem atingidas morreriam. Mas Henrique não conseguia sequer cuidar de si e não se queria importar com o destino dos outros. Seria apenas um lembrete para estas crianças. Mas, à medida que o outdoor se aproximava cada vez mais, lembrou-se do seu amigo que caiu de um penhasco quando era adolescente porque era tímido e não o segurou. Essa foi também a razão pela qual aprendeu Kung Fu. Henrique recordou instantaneamente o seu sonho de infância e as palavras do seu mestre. Tocou na pílula que tinha no bolso e pareceu ter tomado uma decisão.

Aos olhos de Henrique, gotas de chuva do tamanho de feijões paravam no ar, e o outdoor de 10 metros foi agarrado com uma das suas mãos. Resgatou com sucesso o grupo de crianças que brincavam. Uma das crianças tinha uma enorme capa do Super-Homem refletida nos olhos. A consciência de Henrique começou a ficar turva e a mãe apareceu-lhe à frente segurando um bolo. O barulho da chuva nos seus ouvidos foi diminuindo gradualmente.

Não sei quanto tempo se passou até o Henrique acordar no autocarro. Estava quase em casa e a mãe já deveria estar quase a terminar de cozinhar. Celebrou o seu 30.º aniversário como todos os anos. Antes de sair do autocarro, não se apercebeu que uma caixa de medicamentos vazia lhe caiu do bolso. A música de aniversário em casa abafou o som das notícias na TV. A notícia relatava o ato heroico de um homem ao salvar uma criança. Ninguém reparou que a criança entrevistada tinha uma marca de nascença no pescoço, igual à do Henrique.

(Nota: Ninguém sabe que o Henrique se salvou a si próprio em criança. Isto é uma espécie de autorredenção para ele, e também realizou o seu desejo de infância – tornar-se um herói. Esta história mostra que, quando se ajuda os outros, também se está a ajudar a si próprio. Henrique tem a capacidade de salvar os outros e escolheu fazê-lo toda a sua vida.)



WANG KEWEI & LIANG SUITIAN

## O soldado vitorioso

A estrada que conduzia ao lar estendia-se de modo interminável perante o soldado, cujo corpo, ainda impregnado do odor da pólvora, começava finalmente a libertar-se da rigidez da disciplina militar.

A natureza compassiva tecia-lhe um manto de consolação: os pomares vergavam-se sob o peso de peras douradas que lhe saciavam a fome; os melros, esses pequenos trovadores do bosque, entoavam cantigas pastoris que diluíam a dificuldade da caminhada.

Foi quando o cenário idílico se transformou abruptamente, o que outrora fora um teatro de operações

militares apresentava-se agora como paisagem desoladora: troncos carbonizados elevavam-se como lápides num cemitério vegetal; as fontes, outrora cantantes, jaziam obstruídas por detritos bélicos; e o silêncio – esse silêncio espesso que nem mesmo o zumbido de insetos ousava perturbar – pesava como mortalha sobre a terra estéril.

Num casario desventrado, deparou-se com um ancião cuja fisionomia parecia cartografar décadas de agruras, horrores e tragédias.

– Velho, o que te assombra num dia de tão esplêndida vitória? – inquiriu o combatente, ainda com ecos marciais na voz.

O homem ergueu as suas mãos trémulas, e disse:

– Roubaram-me o instrumento da minha arte. Sou agora como pintor sem pincéis, como poeta sem palavras...

Nesse instante, o soldado despiu o fuzil do ombro com solenidade. O velho recuou, pasmado:

– Loucura! Que guerreiro entrega sua espada voluntariamente?

– A verdadeira armadura de um homem não se forja em aço – replicou o outro, depositando a arma nas mãos calejadas do caçador – mas na coragem de refazer mundos destruídos.

Mais tarde, nas ruínas de uma praça municipal, onde se encontrava uma matriarca encurvada sobre os escombros de sua cozinha, presenciou o seguinte.

– Avó, porque derramas lágrimas salgadas sobre terra já tão amargurada?

A mulher mostrou-lhe o fogareiro desmantelado:

– Levaram o caldeirão onde cozinhava histórias para meus netos. Agora até as memórias sabem a cinza.

Num gesto, o militar desapertou o cinto do capacete de aço:

– Deixe-me oferecer-lhe este recipiente peculiar. Nele poderá ferver tanto sopas como saudades.

– Mas vossa proteção...!

– O que vale um escudo quando a única batalha que resta é a da reconstrução?

Continuou até aos arrabaldes da cidade, onde um infante, reduzido a pura ossatura envolta em pele, tremelicava sob vento cortante.

– Menino, porque conservas esse ar de inverno permanente na cara, quando a primavera da paz finalmente chegou?

Os dentes do pequeno martelavam como castanholas, mas respondeu:

– Os saqueadores levaram até o casaco que minha mãe teceu com lã das nossas últimas ovelhas...

Sem cerimónia, o herói despiu a túnica militar ainda impregnada de suor de combate e envolveu o corpo diminuto num abraço de lã grossa.

– E vosso uniforme? – gaguejou o menino, tocando as insígnias com dedos frágeis.

– Uniformes servem para guerras – sussurrou o soldado, ajeitando as mangas que arrastavam no chão – mas humanidade veste-se de gestos.

Quando finalmente transpôs os portões da cidade natal, as autoridades condecoraram-no com medalhas que tilintavam orgulho e honra. Porém, a sua verdadeira consagração manifestou-se nas cantigas que as crianças improvisavam nos becos, narrativas orais que transformavam atos simples em mitologia contemporânea – porque no fim, todos compreenderam que o verdadeiro triunfo não estava em vencer batalhas, mas em derrotar a desumanização que toda a guerra inevitavelmente traz consigo.



PARTE

## A Essência

Mil sóis, de ZHANG HANCHI

Três desejos, de KANG XUYI & PAN MINYANG

O presente, de OU ZHUOXI

Sombra, de WANG HANXUAN & LIU YU EN

Diploma de mérito, de ZHANG LERAN

Calma!, de WAN JINGTONG

Vida, de NIE CHENYANG



ZHANG HANCHI

## Mil sóis

Era uma vez uma pequena aldeia junto ao mar onde vivia a família do Anthony. Anthony e o seu pai dependiam da pesca para a sua subsistência.

O seu pai era um bom pescador e costumava dar peixe aos pobres e dizer ao Anthony: “Um pescador generoso consegue ver mil sóis à noite”.

Mas o Anthony nunca acreditou. Achava que o pai lhe estava a mentir.

Quando Anthony cresceu, o pai pediu-lhe para ir pescar com ele, mas Anthony não gostava do mar,

tinha medo dele, achava-o muito perigoso.

Ele não gostava que o pai desse peixe de graça às pessoas e disse ao pai: “Se desses menos peixe, estaríamos todos a viver numa casa grande”.

Anthony não entendia o comportamento do pai e começou a discutir com ele todos os dias, fazendo as mesmas perguntas, e o pai nunca respondia diretamente, apenas lhe pedia repetidamente para o ajudar no trabalho, o que Anthony não queria fazer, mas obedecia.

Até que uma noite, quando acabaram de pescar e começaram a navegar de volta para a sua aldeia, o mar ficou muito escuro e, ao mesmo tempo, soprava um vendaval, e eles não conseguiam encontrar a direção certa. O barco balançava como uma folha numa tempestade. Nessa altura, Anthony já se queixava de que o pai não tinha dinheiro para comprar um barco mais seguro.

A mãe na aldeia ficou muito preocupada e começou a pedir ajuda e todas as pessoas da aldeia vieram para o mar com tochas para chamar por Anthony e o seu pai. No mar o rapaz ouviu um som muito pequeno e quando seguiu esse som viu muitas luzes a surgir no mar como mil sóis.

O pai do Anthony riu-se enquanto guiava o barco e disse: ‘Vês, eu não te menti. Um pescador generoso consegue ver mil sóis à noite’.



KANG XUYI & PAN MINYANG

## Três desejos

Morava numa floresta a família do coelho, o coelhinho branco e a mãe. Todos os dias, depois de o coelhinho se levantar, a mãe dava-lhe uma tigela de sumo de cenoura.

Um dia, o coelhinho foi à floresta brincar com os outros animais. Olhava para a esquerda e para a direita, tudo estava coberto de um verde vibrante. Enquanto caminhava, um leopardo surgiu à vista, cravando-lhe os seus dentes afiados no corpo. Com o nariz a tremer rapidamente e o corpo encolhido e imóvel, o coelhinho deu um passo cauteloso em frente.

- O-Olá...Sr. Leopardo. Gosto tanto dos seus dentes afiados. - sussurrou o coelhinho, cada palavra escolhida como um passo sobre o gelo fino.

- Os meus dentes não são apenas afiados. - disse o leopardo com orgulho. - Eles são a razão pela qual a floresta fica quieta à noite.

- Apenas queria comer cenouras mais rapidamente.

O coelhinho levantou de novo o olhar para o céu, imaginando-se com dentes afiados. Logo, a sua boca formigava e passou a língua pelos dentes. Já não eram macios e redondos, mas pontiagudos e fortes. Realmente, a sua velocidade ao comer cenouras aumentou muito.

Continuava a andar em frente. De repente, apareceu um elefante, apanhando maçãs das árvores altas com a tromba longa. Os olhos do coelhinho arregalaram-se de espanto e um suspiro escapou-se-lhe dos lábios:

- Ó Elefante, nunca vi nada assim! A tua tromba é como uma fita mágica - torce, gira e faz o que quiseres!

- Ahah! A minha tromba não é um nariz qualquer, é uma ferramenta tudo-em-um! exclamou o elefante orgulhosamente, abanando a tromba.

- Também gostaria de comer maçãs frescas das árvores altas. Normalmente, como as que caem.

O coelhinho levantou o olhar para o céu, imaginando-se com uma tromba longa. De súbito, algo parecia mais pesado, ... muito mais pesado. Pendurado na sua cara estava uma tromba, longa e oscilante!

O coelhinho atirou os braços alegres para o ar, gritando de felicidade. Ao mesmo tempo, pela primeira vez na sua vida, o coelhinho provou uma maçã fresca da árvore alta. Seguiu em frente e mostrou a tromba aos animais de cada lado.

Eis que surgiu a águia que voava como um rei a observar o seu reino, calma, orgulhosa e intocável. As suas asas abriam caminhos prateados por entre as nuvens, como um artista que pinta a luz na tela do céu.

- Olá, águia, quem me dera ter asas como as tuas. Voaria sobre as montanhas e dançaria com as nuvens! -disse o coelhinho com uma voz enérgica.

- Vem voar comigo. Vou mostrar-te as florestas, os rios e as colinas beijadas pelo sol, tudo a partir de cima.

O coelhinho levantou novamente o olhar para o céu, imaginando-se com asas amplas. Surpreso, duas asas poderosas estenderam-se atrás dele. Não via a hora de as mostrar aos seus amigos, com as asas inquietas e repletas de animação.

Ele corria pelo caminho e separou os lábios, revelando dentes afiados e brilhantes. Mas ninguém se atrevia a falar. Até o vento pareceu parar quando a tromba se enrolou, as asas agitaram o pó e o seu sorriso cortou o silêncio.

- É ... É mesmo o coelhinho? - murmurou o macaco, tremendo atrás dum arbusto.

- É exatamente um monstro! - gritou a raposa.

O coelho também se apercebeu de que estava estranho. Seguiu em frente, com a tromba longa a arrastar-se na terra, recolhendo galhos e folhas como uma vassoura. As asas batiam desajeitadamente a cada salto, agitando a poeira, mas não levantando um centímetro do chão. Embora os dentes parecessem afiados, não tinha mordido nada durante todo o dia.

- Qual é a função disto? - sussurrou o coelho, tropeçando novamente na sua própria tromba.

Com as lágrimas a escorrer pelas faces peludas, o coelho correu o mais depressa que pode para casa. Quando chegou, ficou à porta, com a voz a estalar de desespero enquanto gritava:

- Mãe, mãe! Sou eu!

- Quem ... quem és tu? - murmurou a mãe, com a voz a tremer.

O coelho estava tão triste que correu sozinho para o lago. Na água, viu um rosto que mal conseguia reconhecer. A escuridão apoderou-se dele e ele caiu sem ruído.

- Vem cá beber o sumo de cenoura.



OU ZHUOXI

## O presente

- Finalmente ! Criei a máquina do tempo! Tens de admitir que sou melhor do que tu! - disse ao meu colega e ao meu amigo, José.

- Mas se ainda não sabes o conceito do “viagem no tempo”. Porque criaste a máquina do tempo?

- Foi precisamente para isso que criei a máquina. Vou viajar ao futuro e estudar todos os conhecimentos do tempo porque será um mundo com ciência superior. Espera por mim!

Então, eu entrei na máquina do tempo. Bang! Cheguei

ao futuro. Saí da máquina, mas vi apenas ruas em ruínas e muitas pessoas pobres. Perguntei às pessoas.

- O que aconteceu?

- De onde é? Não sabe nada?

- O mundo está em guerra! Todos os países vão morrer! -disse outra pessoa.

De repente, alguém gritou.

- Míssil!

Ouvi um som muito alto. Em pânico, eu corri rapidamente para a máquina do tempo. Voltei para o passado. O José estava à espera em frente da máquina, e riu-se, quando me viu, eu estava muito perturbado.

- O que é tão engraçado!? O nosso futuro vai morrer, e também vamos morrer!

- A sério? Então, se vamos morrer porque não te matas agora?

- Como te atreves a dizer isso? Vou voltar para o passado e matar-te para não viveres até agora?

- Vai! Vai lá!

Furioso, entrei outra vez na máquina do tempo, viajei para o passado, para o momento em que encontrei o José pela primeira vez. Mas antes disso, peguei numa faca. Quando recuperei a consciência, o José já estava caído no chão, morto.

Voltei para o agora. Surpreendentemente, o José ainda estava à espera em frente à máquina, e ele riu outra vez.

- Não estás morto? - perguntei.

- Parece que a minha teoria está correta. Sabes o paradoxo do avô? Se voltasse para o passado e matasse o teu avô, não nasceria. Mas se não tivesse nascido, como poderia voltar para o passado e matar o teu avô?

- Então, existem universos paralelos?

- Claro.

- Não consigo mudar o meu passado, nem prever o futuro?

- É verdade.

O passado é a história, o futuro é o mistério. Mas, O AGORA é a dádiva de Deus, por isso se chama PRESENTE.

Eu peguei um martelo, parti a máquina do tempo.

- Vou aproveitar cada segundo do presente!



WANG HANXUAN & LIU YU EN

## Sombra

Estou encolhido no canto da casa de banho. O candeeiro branco está especialmente brilhante. A minha sombra continua a mexer-se como um demónio.

“Não és capaz de fazer isso.” A sombra falou com a minha voz. Levantei a minha cabeça com medo.

“Eu sou capaz de comunicar bem com colegas e tenho boa capacidade de gerir as relações interpessoais. Até...tenho coragem para te dizer que te amo.” A sombra sorriu com a minha voz.

Olhei para ela com medo e disse: “Eu...eu posso

aprender isso...”

“Aprender?” A sombra tornou-se a calar.

“Trabalhas há três anos, mas não tens coragem de falar às pessoas! Como é que aprendeste?” A sua voz tornou-se suave e convincente.

“Deixa-me ser tu, tal como o teu coração deseja.”

Fiquei sem fala, O telefone tocou de repente. Era a minha mãe: “Filho, o teu pai...” Instintivamente, tive medo de continuar a escutar.

“Precisa de ser operado imediatamente” isso é a minha voz, mas não foi isso que eu disse, foi a sombra.

A sombra continuou a dizer com uma determinação que nunca tinha conhecido antes: “Calma, mãe, transfiro-te o dinheiro imediatamente, e posso contactar os melhores médicos”.

Eu chorei, por isso, sou um fracasso como filho, amante e até como adulto. Eu não tenho coragem de enfrentar as coisas.

“Entendeste?” a sombra envolveu-me suavemente o tornozelo, e continuou “o teu valor está na existência é... a minha sombra.”

Quando a luz se apagou, eu realmente senti-me aliviado. Na escuridão, ouvi a Sombra a marcar o número de telefone “Mãe, não tenhas medo, estou aqui.”

Essa foi a frase que mais quis dizer na minha vida, mas nunca a disse em voz alta.

À noite, sentei-me num canto, olhei para a escuridão e pensei: “Eu e a Sombra, quem será a verdadeira sombra? Quem sou eu? Eu existo?”



BOM SENSO - CONTOS QUE SE ESCREVEM, HISTÓRIAS QUE SE LEEEM

ZHANG LERAN

## Diploma de mérito

“Tinhas dito que eu podia sair para brincar? Mãe.”

“Mas não ficaste em primeiro lugar no último teste intermédio.”

Olhei para a diploma de mérito que tinha na mão, fiquei em silêncio. Apesar de estar a vestir a minha camisola nova, as minhas costas continuaram a suar frio. As palavras “Segundo lugar” no diploma de mérito, escarlate como sangue, picaram-me os olhos como facas. O desejo de sair e brincar deixou-me. A ansiedade, o stress, a raiva e o medo levaram-me a apertar os punhos com toda a força. Segue-se o som

de uma folha de papel leve a ser violentamente enrugada.

“Pobre papel.” Pensei comigo, “porque é que queres ter um diploma de mérito. Há tanto papel no mundo, alguns são livros, outros são guardanapos, porque é que queres um diploma de mérito. Torna-se algo que todos os estudantes chineses odeiam e todos os pais chineses adoram.”

“Pah.” O papel leve que eu tinha enrolado caiu no chão. Esse momento foi como se a igreja tivesse tocado os sinos de aviso, como se fosse o desespero de uma bala ao sair da câmara do cano, como a dor de um coração a arder. Pensei que como os animais em cativeiro perderam a capacidade de caçar. Os humanos não são também um tipo de animal? O medo e o horror estiveram em todo o meu corpo. A tremer, desdobrei o diploma de mérito na minha mão e coloquei-o depois na minha secretária.

Nesse momento, a minha mãe saiu da cozinha com uma maçã acabada de cortar.

“Porque é que este diploma está tão enrugado?”

A minha mãe pousou apressadamente a tigela que tinha na mão, pegou no diploma e encostou-o com força à parede. A parede estava coberta de papel leve com as mesmas palavras escarlates, semelhantes a sangue. As palavras apresentavam-se como vermes de sangue que se contorciam. Destacaram-se contra a parede cinzenta.

“Hiss. Porque o papel leve é enrugado parte-se facilmente quando o estendemos.”, respondi.



WAN JINGTONG

## Calma!

28 de abril, uma normal segunda-feira. Estou a fazer o que faço sempre. Ainda presa ao fim-de-semana. Fui à aula sem energias. A meio de uma aula de Direito, de repente, todas as luzes da sala se apagaram. Pensei que era apenas um disjuntor que se tinha desligado, o que poderia ser normal. Mas, depois dez minutos, o meu amigo enviou-me mensagens que disse “Tudo bem? Não sabemos o que está a acontecer, mas Espanha e Portugal não têm energia.”

Primeiro, eu não percebi o que ele quis dizer, porque pensei que era apenas um disjuntor desligado, não imaginei que a eletricidade fosse abaixo em dois

países. E mais, que seria possível, durar dez horas esta perda de energia.

Ao meio-dia, a professora e os colegas sabiam que o apagão era em grande escala. O ambiente de aula ficou intenso. Discutíamos. Mas as nossas emoções não foram más. Depois, tivemos mais três horas de aulas sem luz. Ao mesmo tempo, os telemóveis de todos começaram a ficar sem bateria e alguns sem internet.

Após as aulas, esperámos pelo autocarro um pouco mais que o normal. Foi desconfortável pois, o sol do meio-dia queima as paragens de autocarro sem sombra. E os autocarros estavam atrasados devido à falha de energia. O meu suor começou a roer a minha pele como pequenos insetos e senti comichão. Depois, sem internet durante quatro horas, a minha irritação começou a aumentar exponencialmente. A ansiedade instalou-se, martelava-me o coração. As minhas sobrelhas começaram a franzir e não conseguia ouvir o que meus colegas diziam. Só pensava na eletricidade e no voltar à rotina. Queria muito que a eletricidade voltasse para me sentir segura e conectada.

Quando regresssei ao meu dormitório, tentei acalmar-me. Pensei em dormir e acordar quando a luz tive regressado. Com esse desejo, fechei os olhos. Mas o tempo não passou tão depressa como eu esperava. Quando abri os olhos, tinham passado apenas duas horas. Eu bufei e fiz “tsc, que chato!” Para piorar a situação, disseram-me que já não havia água no dormitório e que não podíamos tomar banho nem ir à casa de banho.

Suspirei fundo e revirei os olhos, farta da situação. Estive a descarregar a ansiedade onde não há lugar para a pôr. Mas depois, de repente, veio-me à cabeça uma palavra...“calma”.

Por isso, comecei a pegar num livro. Já não lia há muito tempo! Lembro-me que o título do livro era “Estudos de filosofia”, de Spinoza. Porque não havia outros fatores a interferir, li com mais atenção. Spinoza diz: “Cheguei à profunda compreensão de que todas as coisas que estava habituado a ver na minha vida quotidiana eram ilusórias e desnecessárias, pois vi que tudo o que me preocupava ou horrorizava não era bom nem mau em si mesmo, mas apenas sentia que a mente era movida por isso.”

No entanto, a leitura não durou muito, eram já 19 horas e ainda não havia sinais de que eletricidade fosse restabelecida. Fiquei novamente num estado de espírito irritável. Por isso, dirigi-me à casa dos meus amigos com a intenção de os encontrar para passar a longa noite a conversar. Quando nos encontrámos, contámos as coisas ridículas que tinham acontecido durante o dia e o que tínhamos feito. Brincámos, rimos e começámos a esquecer o lado negativo da falta de eletricidade.

Às nove horas da noite, a escuridão caiu sobre Leiria. Sugerimos que podíamos ir dar um passeio e ver o que se passava. No início, pensei que ia ser assustador lá fora. Mas quando saí e olhei para cima, vi algo que não vou esquecer – dezenas de milhares de estrelas cintilavam no céu e o luar iluminava o solo. O vento da noite roçava a minha face e eu senti uma calma que nunca tinha conhecido antes. E assim conversámos, passeámos, rimos e trocámos aspirações futuras na escuridão da noite, na companhia das estrelas...

À meia-noite, a eletricidade foi finalmente restabelecida. Em vez de sentir que era o fim da dor, fiquei grata pelo apagão que me permitiu pegar num livro que já não lia há muito tempo, restabelecer uma ligação profunda com os meus amigos e saber que, independentemente do que me acontecer, posso experimentar a calma interior como sedativo, pois na verdade “Deus escreve direito por linhas tortas”.



BOM SENSO - CONTOS QUE SE ESCREVEM, HISTÓRIAS QUE SE LEEEM

NIE CHENYANG

## Vida

Inverno de 2023. Zhang conduzia o carro elétrico para entregar a comida. A estrada com neve estava escorregadia. “Bang” o carro bateu na pedra do cruzamento, as refeições da caixa espalharam-se pelo chão. E os cacos de vidro do espelho cortaram as calças muito velhas e a sua perna. O sangue que saiu da sua perna derreteu a neve no chão.

Ouviu vagamente uma voz de mulher aparecer no seu telemóvel:

“Já passaram três minutos, porque é que ainda não foi entregue! Acredites ou não, vou processar-te.....”

Esticou a mão para o alcançar, mas tocou um livro que estava também no chão, com “vocabulário inglês” na capa.

Em cima da primeira página, estava uma frase curta escrita pela mulher:

“Volto para casa quanto tiveres o certificado.”

Lembrou-se que, na semana passada, tinha visto um vídeo com a mulher, com a filha dele nos braços e a sua casa degradada. Desde que obtenha o certificado de inglês tenho a certeza de que vou encontrar um emprego melhor.

Viu vagamente o ambiente a ficar mais escuro e pensou que é de noite, está na hora de dormir. Mas não é de manhã? Afinal havia cada vez mais pessoas que juntavam à sua volta, todos tiravam fotografias com os seus telemóveis, e alguns até ligaram a transmissão em direto, evitaram a poça de sangue com repugnância e a câmara focou a refeição no chão:

“Esta refeição já nem parece fresca”.

Ninguém ajudou.

A neve caía, não sabe quanto tempo passou, a luz azul da ambulância abafou uma mensagem do telemóvel, que mostrava:

“O cliente cancelou a encomenda, esta dedução será descontada do salário.....”

Fechou os olhos.

De repente, abriu os olhos, a suar, e encontrava-se apenas a sonhar. Encontrou o telemóvel e enviou uma mensagem de preocupação à mulher. Olhando pela janela para o sol, pegou no seu livro de vocabulário de inglês e saiu porta fora.

BOM SENSO - CONTOS QUE SE ESCREVEM, HISTÓRIAS QUE SE LEEEM

**- Fim -**

**Bom Senso** é uma antologia de contos que convida o leitor a reencontrar aquilo que, sendo simples, é essencial...

As narrativas, breves mas intensas, abordam através dos gestos quotidianos, os valores nobres do ser humano: empatia, honestidade, justiça, responsabilidade, solidariedade e respeito.

Cada conto apresenta personagens comuns que são chamadas a fazer escolhas decisivas, onde o verdadeiro conflito não é externo...

Os autores, estudantes de Relações Comerciais China-Países Lusófonos do Instituto Politécnico de Leiria e da Universidade Politécnica de Macau,

recorrem a uma linguagem clara e sensível, para provocar reflexão em particular sobre a força do exemplo e a escuta do outro.

Ao alternar emoção e lucidez, Bom Senso questiona hábitos, desmonta preconceitos e lembra que agir com equilíbrio é um ato de coragem.

Porque se deve ler esta obra? Porque abre caminhos para o diálogo interior, convidando o leitor a reconhecer, nas pequenas atitudes, a possibilidade de um mundo mais justo e humano.

Cada conto é um pensamento, cada pensamento é uma reflexão valiosa que o leitor se oferece.